

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
CURSO DE FILOSOFIA

COSMA VIEIRA DO EGITO BARBOSA

**A CONCEPÇÃO DE ENSINO NA OBRA *DE MAGISTRO* DE S. TOMÁS DE AQUINO**

CAMPINA GRANDE  
DEZEMBRO/2014

COSMA VIEIRA DO EGITO BARBOSA

**A CONCEPÇÃO DE ENSINO NA OBRA *DE MAGISTRO* DE S. TOMÁS DE AQUINO**

Artigo Científico apresentado ao Curso Filosofia, do CEDUC, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Marinho Nogueira

CAMPINA GRANDE  
DEZEMBRO/2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B239c Barbosa, Cosma Vieira do Egito  
A concepção de ensino na obra De Magistro de S. Tomás de Aquino [manuscrito] / Cosma Vieira do Egito Barbosa. - 2014.  
20 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira,  
Departamento de Filosofia".

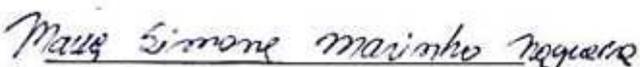
1. Educação 2. Ensino 3. Teologia 6. Filosofia I. Título.  
21. ed. CDD 370

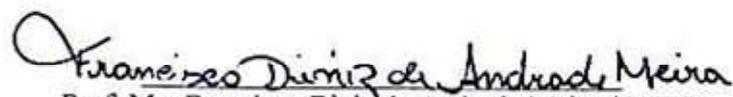
COSMA VIEIRA DO EGITO BARBOSA

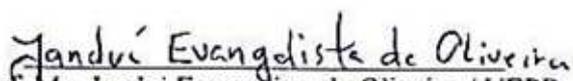
**A concepção de ensino na obra *De Magistro* de S. Tomás de Aquino**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 09/12/2014.

  
Prof. Dr.ª Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB  
Orientadora

  
Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB  
Examinador

  
Prof. Me. Janduí Evangelista de Oliveira / UEPB  
Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

**A Deus,**

Inteligência Suprema e Soberano Mestre.

**Ao meu querido esposo Barbosa,**

Pela dedicação, carinho e incentivo para que eu cursasse a Licenciatura em Filosofia.

**Aos meus filhos, Sara, Priscila e Elnathan, meus genros Houdou e Rogério, e minha nora Ellen,**

Pelas palavras de ânimo e pelas vezes em que me ajudaram, ao longo do curso, em minhas pesquisas.

**A minha netinha Eden,**

Que me motivou a deixar um pouco dos meus conhecimentos para ela.

**Aos amigos, colegas de turma,**

Que sempre colaboraram para juntos chegarmos ao fim do nosso objetivo: concluir a graduação.

**Aos meus queridos mestres,**

Que me encantaram com seus conhecimentos.

**À minha orientadora professora Dra. Simone Marinho,**

Em especial, pela paciência, estímulo e dedicação, para que eu concluísse este TCC.

*“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.”*

(JOÃO 8: 32)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
1 O ENSINO NO PERÍODO MEDIEVAL .....	10
2 O ENSINO NA CONCEPÇÃO DE S. TOMÁ DE AQUINO .....	12
3 O ENSINO HUMANO X O ENSINO DIVINO .....	13
4 O HOMEM COMO MESTRE DE SI MESMO .....	15
5 A VIDA CONTEMPLATIVA E A VIDA ATIVDA NO ATO DE ENSINAR .....	16
6 O PAPEL DE CADA ATOR DO PROCESSO EDUCACIONAL: DEUS, O PROFESSOR, O ALUNO.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	20
REFERÊNCIAS .....	21

## A CONCEPÇÃO DE ENSINO NA OBRA *DE MAGISTRO* DE S. TOMÁS DE AQUINO

*Cosma Vieira do Egito Barbosa*<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo trata da concepção de ensino contida na obra *De Magistro* (Sobre o ensino), de S. Tomás de Aquino. Após apresentação sucinta do modelo de ensino da época medieval, será apresentado o modelo de ensino proposto por Tomás de Aquino, no qual são ressaltados: o papel de Deus, o mestre supremo, do professor, criatura inspirada para transmitir o conhecimento, e do aluno, aquele que constrói o conhecimento, a partir das informações recebidas. Também será evidenciada na obra a relação entre a teologia e a filosofia, enquanto partes integrantes do processo educativo, segundo a concepção do autor.

**Palavras-chave:** Ensino. *De Magistro*. Professor. Aluno. Teologia. Filosofia.

**Résumé:** Cet article traite de la conception d'enseignement contenue dans l'œuvre *De Magistro* (Sur l'Enseignement) de Saint Tomás de Aquino. Après une brève présentation du modèle d'enseignement de l'époque médiévale, le modèle d'enseignement proposé par Tomás de Aquino sera présenté, en mettant l'accent sur : le rôle de Dieu, le maître suprême, de l'enseignant, la créature inspirée pour transmettre la connaissance, et de l'élève, celui qui construit sa propre connaissance, à partir des informations reçues. Il sera aussi noté dans œuvre en question la relation entre la théologie et la philosophie, en tant que parties du processus éducatif, selon la conception de l'auteur.

**Mots-clés:** Enseignement. *De Magistro*. Enseignant. Élève. Théologie. Philosophie.

---

<sup>1</sup> Graduanda de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba

## INTRODUÇÃO

Este artigo visa apresentar alguns aspectos do tratado de S. Tomás de Aquino, *De Magistro*, sobre a educação, através de uma breve revisão bibliográfica do tratado do autor, bem como de outros textos conexos.

Buscaremos, ao longo de nossa exposição, mostrar como Tomás, a exemplo de outros autores considerados medievais, tenta relacionar a cultura cristã à cultura e aos valores educacionais de sua época, enfatizando o aspecto Divino que, segundo ele, é a própria essência da educação.

A obra de S. Tomás é fortemente influenciada pela de Santo Agostinho e de outros escritores cristãos, os quais se propunham a transmitir os valores religiosos a seus discípulos, através do processo cotidiano da educação. Vale ressaltar que, para tais autores, a educação é uma forma de iluminação do próprio *Verbo*<sup>2</sup> e a mesma parte do interior humano, antes de ser transmitida a outros seres.

No entanto, ao contrário dos outros escolásticos, Tomás, inspirado pela obra do pensador grego Aristóteles, traz a tona o papel do homem no processo educativo. Até então, o pensamento cristão sobrepunha-se à razão, sendo os dogmas da Igreja a chave para o ensino. Tomás ousa apresentar essa conciliação entre fé e razão. Ao longo do *De Magistro*, no que se refere ao ensino, percebe-se a apresentação dos dois pontos de vista, o puramente cristão e esse novo modelo que dá um papel principal ao homem que não o de um simples figurante.

Com efeito, Tomás encontra um ponto em comum entre a teoria do filósofo grego e a fé cristã. Para Aristóteles, o homem é naturalmente tendencioso a buscar o saber, e o saber em função do agir. É nessa filosofia que a metafísica está fundamentada e é o ponto principal da teoria aristotélica. Ora, Tomás de Aquino, enquanto pensador cristão defende que a Teologia trata dos objetos que nunca dependem da matéria (Deus, os anjos) e dos que quase nunca dependem dela (a substância, o ente, a qualidade...). Para ele, a teologia é a mesma metafísica, pois se ocupa do que vai além da física, ocorre dentro de nós e é a ciência da qual dependem todas as outras.

S. Tomás de Aquino, em seu tratado, problematiza diversas questões ligadas à educação, como o papel do professor, o ensino a si mesmo, a intervenção de seres divinos, o

---

<sup>2</sup> No texto Bíblico do Evangelho de João, o próprio Deus é definido como *Verbo* e, através do Verbo, todas as coisas foram criadas (“No princípio, era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” João 1:1,3). Por isso, os autores cristãos da época medieval acreditam que a *palavra*, ou seja, o conhecimento, só pode ter origem divina e que é transmitida aos homens, por uma voz que lhes fala interiormente: a voz do Criador.

que veremos de maneira mais aprofundada ao longo do texto. Esse tipo de texto, em que uma problemática é levantada e, em seguida, são formuladas hipóteses de resposta, é típico da sua época e segue o modelo escolástico-aristotélico.

O gênero literário do texto tomasiano é o das *Quaestiones Disputate de Veritate*, gênero típico da época medieval. São questões escritas e discutidas nas universidades, ambiente que Tomás conhecia muito bem, pois foi professor universitário por duas vezes. O objetivo dessas questões era descobrir a verdade contida nos diversos temas discutidos entre os acadêmicos.

Em suas reflexões, Tomás toma como base o ponto de vista cristão, considerando sempre o ato de ensinar como algo Divino. A Verdade também ocupa lugar nos ensinamentos tomasianos, como virtude do Ser Supremo e que deve ser transmitida aos homens, através de um mestre *inspirado*. Assim, é extremamente importante que tais textos sejam analisados não partindo simplesmente de seu caráter pedagógico ou filosófico, para que não haja uma quebra de entendimento do que seu autor quis transmitir, mas a partir do caráter teocêntrico no qual eles estão envolvidos.

Enquanto texto teológico-filosófico, o tratado de Tomás exige que o leitor leve em conta a cultura e o contexto em que foi escrito, para sua inteira compreensão. Tais aspectos são essenciais para a aplicação de seus ensinamentos à educação nos dias atuais.

Assim sendo, nos propomos a apresentar um panorama do Ensino, na época Medieval, enfatizando a concepção tomista, salientando os diversos aspectos que englobam o ensino, segundo o autor cristão.

## 1 O ENSINO NO PERÍODO MEDIEVAL

O período medieval é marcado pela forte influência da Igreja. Essa influência manifesta-se de maneira muito forte na educação, estreitamente ligada à fé cristã. As instituições eclesíásticas são as detentoras do saber e as únicas que são credenciadas para educar, do ponto de vista profissional. Era também dada à Igreja a decisão dos modelos educativos para todas as classes sociais, incluindo o modelo que é conservado até hoje de um professor para vários alunos, representando o poder, a autoridade. Por sua vez, esse professor respondia por suas atividades diretamente à Igreja e às autoridades locais.

O período medieval teve uma grande efervescência cultural. Prova disto, o funcionamento de 46 universidades na Europa Ocidental para uma população de aproximadamente 100 milhões de habitantes.

Não foram poucas as práticas de ensino que o período medieval deixou à humanidade. O modelo avaliativo, a organização dos estudos, alguns conteúdos escolares, como o ensino da gramática e da filosofia, que aplicamos nos dias atuais foram todos inspirados na maneira medieval de ensinar. Nessa época também nasceram as universidades, não exatamente como as concebemos hoje, onde aconteciam as discussões de cunho teológico, filosófico e religioso.

A ideia de Universalidade é a base do termo latino *universitas*, uma vez que os alunos vinham de todas as partes e comunicavam-se através de uma língua universal, o latim. Inicialmente, os alunos estavam ligados a um mestre, ao qual seguiam por onde quer que fosse, que tivesse um bom conhecimento em latim. As aulas dadas por esse mestre eram pagas pelos universitários, que ou eram sustentados por suas famílias, ou faziam algum tipo de trabalho para poder custear seus estudos.

De acordo com Verger (1990), as universidades surgiam de três formas: 1) espontaneamente, 2) por parte de um poder local ou das escolas catedráticas ou 3) por desmembramento de uma Universidade pré-existente. Entre as primeiras Universidades existentes, podemos citar as de Paris, Bolonha e Oxford.

Vale salientar que, embora a organização Universitária, tal qual conhecemos hoje, venha do período medieval, já existiam escolas superiores em outras épocas e civilizações, com suas especificidades:

A universidade, dissemos, constitui criação original da Idade Média. Não existiu no mundo antigo nem entre os povos mulçumanos nem em Bizâncio durante o Medievo. É preciso estar atento para o uso do termo, quando se lê, por exemplo, em algum livro que houve universidade em Atenas ou em

Bizâncio. Primeiramente, observa-se que o termo universidade só começou a ser usado em latim e ser aplicado às escolas de certo tipo durante o século XIII. Na centúria anterior, como já vimos, o termo *universitas* foi usado com o sentido de associação ou corporação de ofício. No século XIII, nessa mesma acepção, ele passou a ser empregado para designar as corporações de mestre e estudantes que se consagravam de modo organizado ao estudo das artes liberais, do direito, da medicina e da teologia. No Egito e na Babilônia, na Índia e na China na Grécia e em Roma, no Império Bizantino e nos sultanatos mulçumanos, nunca houve universidades, mas, sim, escolas superiores. Desde os tempos remotos, quando a escola surgiu, dividiu-se entre os vários povos em ciclo elementar e em grau superior, de acordo com a grande distinção de idades: meninice e juventude (NUNES, 1979, p. 222-2).

Alunos e professores universitários tinham certos privilégios na sociedade e não respondiam à jurisdição civil, mas ao tribunal da própria Universidade. Além disso, os professores podiam fazer greve, como é o caso hoje em dia. Isto nos mostra o quanto o ensino universitário era importante no período medieval. O método escolástico<sup>3</sup> era o utilizado nas escolas medievais (ULLMANN, 2000).

De acordo com Gilson (1991), todo aquele que ensina em uma escola é um escolástico. Na Filosofia, porém, o termo *Escolástica* é aplicado à filosofia ensinada nas escolas católicas. Geralmente, as aulas eram divididas em três formas escolásticas:

- a) *o lectio*: leitura feita pelos mestres, com a devida interpretação que eles tinham do assunto;
- b) *as quaestiones*: teses levantadas tanto por mestres quanto por aprendizes;
- c) *o disputatio*: o momento do debate sobre as teses levantadas.

O aprendizado se dava pela memorização e, por muitos alunos não terem condições de comprar os livros ou por estes últimos não serem confeccionados a tempo, havia a anotação do conteúdo de forma corrente, mais conhecida como glosa.

Além das formas escolásticas citadas acima, existiam: os *comentarios*, as *summae*, derivados dos *comentarios*, os *opuscula*, pequenos tratados livres sobre determinados temas, as *quaestiones quodlibetales*, oriundas das *disputates*, mas que aconteciam duas vezes por ano e eram abertas a qualquer pessoa e qualquer tema.

S. Tomás de Aquino foi um dos principais representantes da filosofia escolástica, que tinha como objetivo promover a harmonização entre a fé e a razão. Em sua *Suma Teológica*, Tomás aborda vários pontos do pensamento aristotélico. Em sua obra, Tomás dissimula a revelação das coisas, defendendo que o homem tem papel ativo no processo de construção do conhecimento.

---

<sup>3</sup> O método escolástico é o que S. Tomás utiliza em o *De Magistro*.

Mesmo dialogando com teorias de filósofos “pagãos”, e defendendo a autonomia do homem, a escolástica não afastou-se das questões religiosas, mostrando sempre o papel da Igreja na formação do indivíduo e combatendo as doutrinas contrárias.

## 2 O ENSINO NA CONCEPÇÃO DE S. TOMÁS DE AQUINO

Como vimos anteriormente, S. Tomás de Aquino não traz uma inovação ao abordar a relação entre ensino/religião em seus textos. Ele segue uma tendência da época, tendo como grande modelo a obra de Santo Agostinho.

No entanto, em suas obras, S. Tomás faz uma comparação entre o cristianismo e a filosofia de Aristóteles, algo talvez impensável para outros teólogos, uma vez que Aristóteles era considerado um filósofo materialista. A maior realização do religioso, em matéria de junção dos dois conceitos, foi de tentar explicar a existência de Deus com base na razão. Prova disto pode ser encontrada nas *cinco vias* para demonstrar a existência de Deus, que são:

1) o argumento do primeiro motor – se tudo é movido por algo, existe um primeiro motor que faz mover todas as coisas, Deus;

2) o argumento da primeira causa eficiente – se tudo que existe tem uma causa, a primeira causa eficiente, responsável por todas as coisas é Deus;

3) o argumento do existente necessário – se tudo que existe poderia também não existir, necessariamente, há um ser que provoca a existência de tudo. Esse Ser Necessário só pode ser Deus;

4) o argumento pelos graus do ser – se há diferentes graus de ser, alguns seres duram mais ou menos que outros, são mais perfeitos ou imperfeitos e existe uma hierarquia, deve haver um ser superior a todos no topo da hierarquia, que seja a perfeição suprema, Deus.

5) o argumento do governador supremo das coisas – se todos os seres obedecem a um governo, o governador de tudo é Deus.

Esses argumentos aparecem tanto na *Suma contra os gentios* quanto na *Suma Teológica*. Nesta última os argumentos são apresentados de forma mais simples que na *Suma contra os gentios*. Independente das diferenças, o fato é que nos dois textos Tomás faz uma argumentação totalmente pautada na razão.

Já no *De Magistro*, Tomás parte da ideia central de que Deus é o *Mestre Supremo*, para então dissertar sobre as formas de ensino (*divino/humano*). Para Tomás, a primeira

finalidade da educação é ajudar o homem a formar-se a si mesmo como homem, através da descoberta da *verdade*, como afirmou Faitanin:

O mestre deve elevar-se espiritualmente em função da nobreza de sua atividade e do que ensina. Do mesmo modo, o mestre deve cuidar da dignidade de sua atividade, preparando docilmente os ouvintes para comunicar a verdade contemplativa. Foi por este motivo que ele afirmou que o ensino da verdade é ofício sagrado, pois quem a ensina coopera com a Verdade Divina. O mestre deve ser aquele que se disponha retamente a intermediar a ação divina, na transmissão e comunicação de Sua Verdade (2008, p. 30).

No que se refere à noção de conhecimento, Tomás acredita que existem dois tipos: o sensível e o intelectual. O conhecimento sensível considera o contato direto com as coisas como essencial para o conhecimento da realidade e o intelectual considera que, através das várias relações que fazemos das coisas, podemos chegar à sua essência. Este segundo é o objeto da ciência e o mesmo é encontrado na teoria de Aristóteles. Com efeito, a filosofia tomista traz a ideia de que o conhecimento é construído pelo discípulo e não somente transmitido pelo mestre, podendo o discípulo também ensinar ao mestre. Ambos aprendem e, assim, só Deus é o “ato puro”, o ser perfeito.

Em suma, a filosofia tomista tem grande influência na organização do modelo educacional atual. Tomás defende que cada indivíduo pode ter uma maneira diferente de investigação, sempre buscando mais e mais chegar ao conhecimento.

### **3 O ENSINO HUMANO X O ENSINO DIVINO**

A teoria tomista, em princípio, segue a mesma linha de raciocínio dos teólogos de sua época, a de que só Deus pode ensinar, mas ao longo de sua exposição, Tomás mostra que o homem também pode ensinar. No entanto, só Deus ensina a nível interior, pois o homem não tem a capacidade de penetrar a mente de outro homem.

Na concepção tomista, “Deus e o homem não podem ser considerados mestres de forma unívoca... Isso se justifica, porque, segundo o pensamento tomásico, somente Deus é capaz de ensinar a partir do interior da mente humana” (GODOI, 2013, p. 6). Citando o Aquinate, o homem só pode agir exteriormente:

Dessa forma, o lume da razão pelo qual os princípios nos são conhecidos, foi posto em nós por Deus, como certa semelhança da verdade incriada que resulta em nós. Donde, como todo ensinamento humano não pode ter eficácia senão pela virtude daquele lume, consta que somente Deus ensina interior e principalmente, como a natureza interna e principalmente cura; de modo algum curar e ensinar é dito propriamente pelo modo supramencionado (AQUINO, 2000, p. 59).

De Deus resulta a ação interior, a inspiração que leva o homem a agir enquanto mestre de outros homens. Esse ensinamento divino tem o poder de curar, de mudar, de iluminar, fazendo com que a natureza humana seja capaz de captar a essência da virtude divina e, assim, dar “o remédio” que outros necessitam.

O papel de Deus, enquanto responsável pela educação, está bem claro no *De Magistro*:

Deus é causa da ciência do homem de modo excelentíssimo, uma vez que adornou a mesma alma da luz intelectual, e lhe imprimiu o conhecimento dos primeiros princípios que são como que sementes das ciências, assim como nas outras coisas naturais imprimiu as razões seminais de todos os efeitos a serem produzidos (AQUINO, 2000, p. 70).

Para o Aquinate, o ensino divino acontece no interior da mente humana e é o mais importante para ela, pois vem do próprio Deus, e sua finalidade é de esclarecer o homem quanto à Verdade. O ensino divino se dá tanto pela razão quanto pela revelação, já o ensino humano é exterior à mente e dependente dela. Só após ter recebido a luz e a revelação é que o homem pode ensinar. Como explica Batista (2014, p. 23): “isso significa que o ensino humano é coadjutor do ensino divino, razão pela qual Deus é o mestre por excelência e o ser humano pode ser o mestre auxiliar”.

Com efeito, Tomás vai de encontro a uma posição adotada na época por alguns teólogos da Faculdade de Teologia de Paris que defendiam “que o intelecto humano, em relação a cada processo de aprendizagem, é algo tão sublime, que requeria a iluminação imediata de Deus” (PICHLER, 2014, p. 8).

A filosofia tomista não suprime a ação divina no ato de ensinar, mas ela dá uma nova visão ao papel de cada participante do processo educativo, a saber: Deus: já dotou todos os seres humanos com a inteligência necessária para adquirir o conhecimento, é a sabedoria em si; o professor: dotado de uma capacidade intrínseca, dada pelo mestre supremo (Deus), ensina porque tem o conhecimento em ato; o aluno: aprende porque utiliza a razão (também dada por Deus) para filtrar as informações recebidas e, conseqüentemente, formar sua opinião.

Como vemos, no *De Magistro*, Tomás apresenta as duas vertentes de pensamento, a de que só Deus ensina e a de que o homem pode ensinar. Ele se posiciona a favor das duas, ou seja, ele acredita que tanto Deus quanto o homem podem ensinar, mas de maneiras diferentes.

#### 4 O HOMEM COMO MESTRE DE SI MESMO

Tomás de Aquino fala de uma inteligência ativa que é complementar a uma inteligência passiva que, por sua vez, é usada pelos homens no momento de formar seus próprios conceitos. Para o Aquinate, existem princípios intrínsecos no aluno que lhe permitem adquirir o conhecimento. Tais princípios podem ser ativados pela influência de um mestre ou pelo aluno ele mesmo. O fato de adquirir conhecimento por si mesmo se dá pela investigação pessoal:

Se, pois, daquele modo de adquirir a ciência no qual alguém aprende de outro, se toma o nome de mestre, de modo que um é mestre de outro, muito mais amplamente do modo de receber a ciência por invenção deve ser tomado o nome de mestre, de sorte que alguém se possa dizer mestre de si mesmo (AQUINO, 2000, p. 63).

Com efeito, S. Tomás apresenta a possibilidade de alguém ser mestre de si mesmo, mas com ressalvas, pois, acreditando ele que a aprendizagem se dá por iluminação e que esta, por sua vez, só pode vir de um ser sobrenatural, o homem não teria a capacidade de ensinar-se a si mesmo. Todavia, o homem por si mesmo é levado a fazer descobertas.

A mente humana pode ativar conhecimentos, mas, Deus é o criador da razão, por isso, o filósofo declara que é Deus quem ensina no interior do ser humano: “Deus conhece explicitamente todas as coisas que ensina ao homem, donde a ele pode ser convenientemente atribuída à razão de mestre. Passa-se diferentemente com o intelecto agente, pela razão já mencionada” (AQUINO, 2000, p. 3).

Para Tomás, o ensino é algo exterior, que vem de fora para dentro da mente humana. Ora, se o ensino vem de fora da mente, como poderia o homem ser seu próprio mestre? O homem tem a potencialidade de adquirir conhecimento por si mesmo, através da descoberta e do ensino. A primeira consiste nos conhecimentos que o aluno busca por si só e a segunda aos conhecimentos adquiridos com a ajuda de um professor. O ensino pressupõe, portanto, um professor que tenha o conhecimento da verdade para poder despertar o intelecto do aluno.

## 5 A VIDA CONTEMPLATIVA E A VIDA ATIVA NO ATO DE ENSINAR

Antes de considerar o sentido de vida ativa e contemplativa concebido por S. Tomás, vale notar o sentido das palavras contemplação e ação. A palavra contemplação significa examinar com atenção uma coisa ou uma pessoa.

Na filosofia grega a palavra contemplação era denominada teoria, por oposição à práxis, ou ação. Por isso, os gregos designavam a vida contemplativa como vida teórica, por oposição à vida ativa, ou vida prática. Alguns autores afirmam que a etimologia da palavra *teoria* deriva de um verbo grego que significa ver; deste verbo é que se origina também o nome Deus, que em grego se diz Teos, ou *Aquele que vê*. Com o tempo, essa nomenclatura veio também a ser utilizada na língua latina, resultando dizer que a vida teórica seria a vida contemplativa e a práxis, a vida ativa (ALMEIDA, 2014, p. 1).

Em *De Magistro*, o Aquinate apresenta a concepção de vida ativa e de vida contemplativa como complementares e reveladoras de toda a complexidade do ser humano, sobretudo em relação à sua aprendizagem. Para S. Tomás, a vida ativa são as realidades que podem ser verificadas no tempo, sua finalidade está na ação, é nela que se atendem as necessidades do próximo. A vida contemplativa, por sua vez, está ligada às essências inteligíveis e sua finalidade é buscar a verdade. Podemos dizer, ainda, que a vida ativa refere-se à dimensão prática da vida humana, toda e qualquer ação executada, já a contemplativa refere-se à dimensão teórica, está no plano das ideias que o homem venha a elaborar.

Em se tratando do ensino, Tomás defende que este deve abranger os dois aspectos, o ativo e o contemplativo:

No ato de ensinar, encontramos dúplici matéria, para cujo sinal também o ato de ensinar se une com duplo acusativo. E assim una sua matéria à própria coisa que se ensina; outra aquele ao qual se transmite a ciência. Pela razão da primeira matéria, o ato de ensinar pertence à vida contemplativa, mas pela razão da segunda, pertence à ativa. (AQUINO, 2000, p.76).

As duas matérias básicas do ato de ensinar são o conteúdo ensinado e o indivíduo que recebe o ensino. O primeiro é produto da vida contemplativa, pois se refere à observação e à interpretação que o indivíduo faz ao entrar em contato com o conteúdo a ser ensinado (quando se trata do professor) ou do ensino que recebe (aluno). O segundo é produto da vida ativa, pois é dirigido a seres humanos.

Com efeito, o ensino engloba os dois aspectos, porque ele nasce no mundo das ideias, da teoria, em suma, ele é resultado de reflexões. Segundo S. Tomás, é no mundo contemplativo que nasce a ciência, mas é no mundo ativo que o ensino se concretiza, pois é através das ações que ele pode ser manifestado:

Mas da parte do fim o ensinamento parece pertencer somente à vida ativa, porque a última matéria dela, na qual se consegue o fim intencionado, é matéria da vida ativa. Daí que pertence mais à ativa que à contemplativa, embora também, de certa maneira, pertença à contemplativa, como se evidencia do que foi dito (AQUINO, 2000, p. 76).

Tal conclusão nos lembra a Metafísica aristotélica, que ressalta exatamente a busca pelo saber do homem, mas com a finalidade de agir. As ideias, as teorias são formadas no interior humano, mas sua transmissão parte de uma ação e é através da vida ativa que o ensino, propriamente dito, se produz:

A visão do que ensina é princípio do ensinamento; ora, o próprio ensino consiste mais na comunicação da ciência das coisas vistas que na visão delas. Donde a visão do que ensina pertence mais à ação do que à contemplação. Aquela razão prova que a vida contemplativa é princípio do ensino, assim como o calor não é o aquecimento mesmo, mas princípio do aquecimento, enquanto o dirige; assim também, em troca, a vida ativa dispõe à contemplativa. Evidencia-se a solução do que foi dito, pois quanto à matéria prima o ensino convém com a contemplativa, como foi dito no corpo do artigo (AQUINO, 2000, p. 75).

Assim, chega-se à questão sobre o ato de ensinar: ele é ativo ou contemplativo? Para S. Tomás o objeto do ensino pertence à vida contemplativa, mas aquele a quem se transmite o conhecimento, à vida ativa. Na verdade, a contemplação e a ação andam lado a lado, quando se trata do ato de ensinar, pois o mestre vê o potencial que existe nele mesmo e no seu aprendiz e transmite o conhecimento, sempre pensando no bem do que recebe, no seu crescimento intelectual, por isso, chama-se vida.

## **6 O PAPEL DE CADA ATOR DO PROCESSO EDUCACIONAL: DEUS, O PROFESSOR, O ALUNO**

Segundo Tomás, o ensino é um processo que conta com a participação de três personagens principais: 1) Deus, o ser supremo e mestre conhecedor de todas as coisas; 2) o

professor, que inspirado pela Divindade, tem o papel de transmitir o conhecimento a outros homens, com o intuito de fazê-los chegar à verdade e 3) o aluno.

Tentaremos, nesse tópico, mostrar como cada uma dessas partes envolvidas no processo educativo age em função do seu objetivo final, de acordo com a filosofia tomista.

## 1 – Deus

Como dito anteriormente, apesar das concepções inovadoras que Tomás apresenta em sua filosofia, ele não deixa de ser um autor cristão e não perde, portanto, o foco no aspecto religioso da educação.

Em seus propósitos, o Aquinate deixa claro que a sabedoria divina é a base de toda a sabedoria humana, pois, mesmo as mentes mais brilhantes recebem sua inspiração do “Alto”, uma vez que a revelação divina se manifesta na mente humana:

A iluminação duradoura só pode provir de uma luz duradoura. Ora, no ensinamento exige-se alguma iluminação duradoura, uma vez que a ciência é do necessário, que sempre é. Logo, o ensinamento não procede senão da luz duradoura (AQUINO, 2000, p. 67).

Porém, muitas verdades restam uma incógnita para os seres humanos, que buscam sem cessar desvendar os mistérios da criação.

## 2 – O professor

Os mestres são considerados como sábios, se se apegarem às verdades espirituais. Para que sua missão seja realizada com sucesso, o mestre deve ter uma vida cheia de virtudes, transmitindo a seus discípulos, dentre outros valores, a humildade.

O papel do mestre é visto no *De Magistro*, por dois ângulos, respectivamente, o homem enquanto mestre de si mesmo e enquanto mestre de outros homens. Antes de transmitir a ciência a seus semelhantes, o mestre precisa adquirí-la internamente:

Do mesmo modo se dirá também da aquisição da ciência, que preexistem em nós algumas sementes das ciências, ou seja, as primeiras concepções do intelecto, que, imediatamente, sob a luz do intelecto agente são conhecidas pelas espécies abstraídas dos sensíveis, quer sejam complexas, como dignidades, quer incomplexas, como a razão do ente e do uno, e desta maneira, imediatamente, o intelecto as apreende. Destes princípios universais seguem-se todos os princípios, como de algumas razões seminais. Quando, pois, desses conhecimentos universais a mente é eduzida para que conheça os particulares, que antes em potência e como que em universal

eram conhecidos, então se diz que alguém adquiriu a ciência. (AQUINO, 2000, p. 56).

Ao adquirir ciência, sob a luz divina, o mestre está pronto a transmitir seus conhecimentos adquiridos aos alunos. O papel do mestre é de importante valia para o bem da humanidade, segundo Tomás de Aquino, pois enquanto ser iluminado, ele pode ajudar o seu semelhante a descobrir a *Verdade*.

De acordo com S. Tomás, se o aluno aplica-se bem a seus estudos, os méritos do professor não podem ser desconsiderados. Sendo o ensino um ofício sagrado, o que ensina exerce seu papel em função do que é divino. O papel do mestre está ligado intrinsecamente ao do aluno, pois um não existe sem o outro. O mestre busca a verdade e a transmite a seus discípulos que, por sua vez, devem chegar às suas próprias conclusões sobre a verdade, a partir do que lhes foi transmitido. Com efeito, o professor é um auxiliador, aquele que serve de canal para que outros cheguem à luz.

### 3 – O aluno

No processo do ensino, o papel do aluno não pode ser deixado de lado, uma vez que este é primordial para a formação do conhecimento. O aluno não é apenas um sujeito passivo, para o Aquinate, mas ele tem o poder de agir na construção do conhecimento, uma vez que “a ciência, pois, preexiste no que aprende em potência não apenas passiva, mas ativa; do contrário, o homem não poderia por si mesmo adquirir a ciência” (AQUINO, 2000, p. 57).

Pensando nisto, Tomás acredita que para chegar ao conhecimento aluno deve proceder da seguinte forma: primeiramente, manifestar sua vontade de aprender, ter a intenção de conhecer a verdade. Ele também precisa começar a estudar as coisas mais fáceis e passar a níveis mais complicados à medida que assimila os conhecimentos. O aluno deve ter uma consciência bem formada, no processo de aprendizagem, e viver em constante investigação, sempre fazendo prova de humildade em relação a seus semelhantes e, principalmente, em relação a Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho depreende-se que a obra *De Magistro*, de S. Tomás de Aquino, é de grande riqueza teológica e filosófica, pois aproxima estas duas ciências, primordialmente, contraditórias, no contexto educacional. A obra é pautada na relação existente entre a fé e a razão, sendo esta subordinada àquela, pois a iluminação da verdade vem de Deus, enquanto o homem recebe a luz natural do intelecto humano.

No que se refere à educação, pode-se dizer que a filosofia tomista tem grande importância para ela, pois esclarece como se dá o processo de ensino/aprendizagem, de maneira outra que a utilizada pelos pensadores de sua época. Antes de S. Tomás, muitos escritores concebiam esse processo única e exclusivamente como fruto de uma ação divina. Tomás não desconsidera essa ação, mas destaca que Deus pode iluminar o homem para que ele seja ator do seu próprio processo educacional.

Por fim, em sua obra, Tomás apresenta o homem como um ser capaz de fazer suas próprias escolhas e descobertas, pois foi dotado por Deus de inteligência. Ele constrói seu conhecimento, com a ajuda do professor, de acordo com o plano já previsto pelo Criador.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inácio. **Contemplação e ação: o exemplo de São Tomás de Aquino.** Disponível em: [http://www.clerus.org/clerus/dati/2009-02/06-13/CONTEMPLACAO\\_E\\_ACAO.html](http://www.clerus.org/clerus/dati/2009-02/06-13/CONTEMPLACAO_E_ACAO.html) - Acesso em 02 dez. 2014.

AQUINO, S. Tomás de. **De Magistro: Sobre o mestre** (Questões Discutidas sobre a Verdade, XI). Introdução, tradução e notas por CAMELLO, M.J.O. Unisal, Centro Universitário Salesiano de S. Paulo – U. E. Lorena, 2000.

BATISTA, Gustavo Araújo. **O pensamento filosófico e teológico de Santo Tomás de Aquino em seu impacto educacional e pedagógico.** Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/wp-content/uploads/2010/10/3.Gustavo-ara%23U00c3%23U00bajo.pdf>. Acesso em 02 dez. 2014.

CARVALHO, F. V. **A Educação na Idade Média - Agostinho e Tomás de Aquino.** Disponível em: <http://frankvcarvalho.blogspot.com>. Acesso em 21 set. 2014.

CASULO, J. C. **Doutrina Tomista do Mestre Exterior e seu fundamento intelectual.** Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6217.pdf>. Acesso em 28/10/2014.

FAITANIN, Paulo. O ofício de sábio: O modo de estudar e ensinar segundo Santo Tomás de Aquino. **Cadernos da Aquinate**, n. 3. Niterói: Instituto Aquinate, 2008.

FERRARI, M. **Tomás de Aquino: O mestre da razão e da prudência.** Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/mestre-razao-prudencia-423314.shtml>. Acesso em: 21 set. 2014.

GODOI, R. A. A concepção educacional de Tomás de Aquino: um estudo do *De Magistro*. **Theoria** – Revista Eletrônica de Filosofia da Faculdade Católica de Pouso Alegre. Volume V – Número 14 – Ano 2013.

NUNES, Ruy da Costa. **História da Educação na Idade Média.** São Paulo: EPU, 1979.

PISHLER, N. A. **O Ensino na obra De Magistro de Tomás de Aquino.** Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/1/ARTIGOS/edicao3/de%20magistro.pdf>. Acesso em 20 out. 2014.

SOUSA, R. **Filosofia Medieval.** Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historiag/filosofia-medieval.htm>. Acesso em 21 set. 2014.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **A universidade medieval.** 2. ed. Porto Alegre: Edipicurus, 2000.

VERGER, Jacques. **A universidade na Idade Média.** São Paulo: Ed. da Unesp, 1990.